

MUSEUS E REDES DE SOCIABILIDADE - PODER E CONFLITO NO MUSEU DO MARAJÓ PE. GIOVANNI GALLO¹

Emails:
karladoliveira@gmail.com
lcborges@mast.br

Karla de Oliveira, Luiz Carlos Borges

Resumo

Esse projeto de pesquisa para doutorado objetiva analisar o estabelecimento de redes para a criação e manutenção do Museu do Marajó, assim como as relações de poder, as interações e os conflitos que interferem/ influenciam na dinâmica da rede e, por conseguinte, no cotidiano do MdM. Para isso, se faz necessário inquirir acerca dos grupos e de seus interesses relacionados à rede, quais conhecimentos esse grupo gera e/ou se apropria? Como e com que objetivos é formada uma rede e como se dá o seu funcionamento? Como forma de abordagem, este projeto propõe-se a utilizar como base metodológica o método etnográfico, com a utilização da etnografia multi-situada. A pesquisa será do tipo qualitativa e serão utilizados levantamento documental, entrevistas e como técnica de amostra não probabilística utilizarei a Snowball Sampling.

Palavras-chave: Museu do Marajó; Redes; Museu; Conflito; Poder.

Abstract

This research project for objective doctoral examine the establishment of networks for the creation and maintenance of Marajó Museum, as well as power relations, interactions and conflicts that affect / influence the dynamics of the network and therefore in the everyday MdM. For this, it is necessary to inquire about the groups and their network-related interests, which generates knowledge this group and / or appropriates? How and with what objectives is formed a network and how is its operation? As a way to approach this project proposes to use as a methodological basis of the ethnographic method, with the use of multi-situated ethnography. The research will be of qualitative type and will be used documental research, interviews, and as non-probability sampling technique will use the Snowball Sampling.

Keywords: Marajó Museum; Networks; Museum; Conflict; Power.

¹ Projeto aprovado em exame de qualificação do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO/ MAST

1 INTRODUÇÃO

O Museu do Marajó² (MdM) foi fundado em 16 de dezembro 1981, na cidade de Santa Cruz do Arari – Ilha do Marajó (PA), e representa a materialização da obra de um padre que possuía, como percepção estratégica do mundo, o entendimento de que só por meio da cultura seria possível o verdadeiro desenvolvimento dos marajoaras. O fundador do MdM, o italiano Giovanni Gallo³, abraçou a religião por vocação, tendo-se tornado sacerdote da Companhia de Jesus⁴.

Em 1973, assumiu a paróquia do município de Santa Cruz do Arari (GALLO, 1996). Nesse município, morou na Vila de Jenipapo, onde iniciou uma série de atividades com o objetivo de melhorar as condições de existência de seus paroquianos e que, como corolário, o levariam, mais tarde, à criação do Museu do Marajó. Segundo Gallo declara, inicialmente, teria⁵ incentivado a produção de artesanato, organizado cursos de arte culinária, corte e costura, dentre outros. Teria, igualmente, construído um posto médico, um centro comunitário, um laboratório, onde ensinou as mulheres a embalsamar piranhas que, graças às suas relações e em um total de 12.000 exemplares, foram enviadas à Itália. Com o lucro obtido com a venda desses objetos artesanais, Gallo teria pago as trabalhadoras, construído 350 metros de pontes com esteios em madeira de lei, um trapiche comunitário, um cemitério para o período das águas grandes, preparado uma pista de 800 metros para o pouso de aviões, tendo até sobrado “uma ponta para iniciar o nosso museu” (GALLO, 1996, p. 170).

O acervo do MdM começou a ser formado a partir da doação de fragmentos de cerâmica e peças arqueológicas⁶ que eram encontradas pelos moradores do lugar, o que evidencia a participação da comunidade desde o início das atividades do MdM. Pode-se dizer que seu acervo é a representação do *mesmo* e não do *outro* representando a autoconsciência do que é ser marajoara (GONÇALVES, 2007). Ao criar o Museu do Marajó, Pe. Gallo tinha por objetivo possibilitar a aproximação (e a apropriação) dos moradores locais com uma parte importante de sua história e de seu modo de ser. Isto é, com aquilo que, embora fosse familiar a essas pessoas, não tinha, até então, a relevância que deveria ter.

No projeto museológico de Gallo, os elementos selecionados e musealizados contribuíram, junto à comunidade local, para o reconhecimento, a valorização e a identificação do que é ser marajoara. A relação, proposta por Guarnieri (2010) e na qual devem ser consideradas a emoção, o envolvimento e a memória, encontra-se posta no MdM e em sua exposição. Dadas as suas características funcionais e semiológicas, o “computador caipira”

² No momento de sua criação tinha como nome oficial Associação “O Nosso Museu de Santa Cruz do Arari”. Em 1983 passou a ser O Museu do Marajó. Após o falecimento de Giovanni Gallo passou a se chamar O Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo.

³ Nascido em Turim, Itália, em 27 de abril 1927, e falecido em Belém, Brasil, em 7 de março de 2003.

⁴ Até este momento da pesquisa, não existem informações sobre a data de ordenação.

⁵ Devo ressaltar que a estrutura aqui utilizada, qual seja, de dúvida e de não afirmativa, se deve de um lado, à contestação – por parte de alguns informantes – sobre a realização de tais ações; e de outro, à ausência de mais dados (além das publicações de Giovanni Gallo) que, efetivamente, comprovem os feitos.

⁶ De acordo com Denise Schaan (2007), o acervo arqueológico possui peças de cerâmica produzidas entre os séculos V e XIII e é composto por mais de 100 artefatos e centenas de fragmentos de cerâmica marajoara, recebidos como doações da comunidade.

destaca-se com um bom exemplo de fato museal (OLIVEIRA; BORGES, 2013).

O “computador caipira” é o elemento que possibilita, e facilita, ao mesmo tempo, a percepção do visitante (observador) sobre a realidade museografada, e o fato de que ele é o elemento principal e fundamental da coisa observada. E essa integração e percepção possibilitada pelo “computador” - ao mexer nos painéis, puxar barbantes, girar manivelas, ou seja, tocar e manipular elementos tão próximos de sua realidade, tão familiares ao grupo local –, foram, de fato, o fio condutor da obra museológica de Gallo: o museu que foi criado *por* e *para* os marajoaras, qual seja, um museu em primeira pessoa.

Em Cachoeira do Arari – cidade para a qual mudaram-se Museu e Padre – Gallo, através do MdM, realizou oficinas de serigrafia, cerâmica, bordado e confecção de adornos, somada às aulas de informática, à montagem da biblioteca e a transformação, anos mais tarde, do MdM em Ponto de Cultura⁷ o que proporcionou, às pessoas da cidade, possibilidades de profissionalização e de geração de renda, aspectos dos quais a cidade ainda permanece carente.

O MdM desempenha um papel importante na formação da consciência histórica dos moradores do lugar, uma vez que, a partir da intermediação do museu, passaram a valorizar o patrimônio cultural da região e a influenciar no desenvolvimento cultural e econômico de Cachoeira do Arari. A ideia de Gallo era a de criar um museu “que recuperasse a cultura da nossa terra, a fim de preservá-la e divulgá-la. Ao mesmo tempo estaria projetado para o desenvolvimento da comunidade, numa forma bastante original e bem atual, ser polo de desenvolvimento através da cultura” (GALLO, 1996, p. 180). Esta assertiva de Gallo nos remete à Declaração de Santiago (1972), na qual o museu é entendido como parte integrante das sociedades e a serviço destas, uma vez que possui elementos que lhe permitem participar na formação da consciência dos sujeitos que, primariamente, atuam em comunidades, contribuindo, desse modo, mediante a assunção de uma função educativo-formativa, para o engajamento destas comunidades na ação em prol de seu desenvolvimento econômico e sociocultural.

De acordo com Borges (2011), o museu se estrutura como um produtor de representações sobre determinadas realidades, pois, ao funcionar como uma articulação entre a história e a linguagem, propõe aos visitantes, a partir de uma determinada visão de mundo, modos ordenados a partir dos quais possam ver e interpretar a realidade, tal qual esta é transfigurada e (re/a) apresentada pelos museus. Em função disso, para Borges, mais do que colecionar, tratar e expor, a função essencial do museu, como agente educativo-formativo, é propor uma maneira específica de “ler” e de interpretar, a realidade. Assim, o resultado desse gesto de interpretação, enuncia-se ou textualiza-se na forma de exposição. Portanto, ele deve ser pensado como “parte constituinte e constituída de um processo cultural e político, logo, sócio-histórico” (BORGES, 2011, p. 43).

A atuação do museu implica a existência de estruturas de sustentação, tanto conceituais, quanto econômicas e ideológicas. Em outras palavras, a existência social de um museu depende da construção de redes sociais que o sustentem. Com relação às redes, devo atentar para o fato de que elas podem, além de ser variadas nos seus formatos e funções específicas, ter origens e composições as mais diversas; podem ser promovidas e sustentadas pelo poder dominante, com vistas à manutenção da hegemonia; como podem igualmente ser promovidas pelos grupos não

⁷ Pontos de Cultura são entidades apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura – MinC e que desenvolvem ações socioculturais nas comunidades em que estão inseridas. Podem ser instalados nos mais diferentes espaços – de casas a centros culturais – de onde desencadeiam processos de agregação de novos agentes e parceiros. Maiores informações podem ser acessadas em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura>. Acesso em 18, abr. 2011.

dominantes e que lutam pelo poder contra-hegemônico. Neste sentido, é possível afirmar que a maior parte dos museus, no que tange a seu enquadramento como integrantes de redes sociopolíticas e sociotécnicas, liga-se às redes hegemônicas, justamente por sua função educativo-formativa.

Um aspecto que se coloca é a respeito do lugar de sentido, entendido como o lugar histórico-social, logo, ideológico e cultural em que se instala a rede, considerando, ainda, que a própria estrutura em rede também produz seu lugar de sentido. Assim, analisar a rede e seus desdobramentos históricos significa, inquirir acerca dos grupos e de seus interesses relacionados à rede, quais conhecimentos esse grupo gera e/ou se apropria? Como e com que objetivos é formada uma rede e como se dá o seu funcionamento? O conjunto de informações obtido a partir desses questionamentos é necessário para que se possa identificar se a rede é conservadora, reacionária, renovadora e até mesmo revolucionária, pois essas características são fundamentais para compreender as relações sociais e simbólicas que ocorrem no campo social e, em consequência, em relação ao MdM, se considero especificamente o contexto marajoara.

Para que se possa determinar de que posição/situação na arena de disputa social pertence esta ou aquela rede, uma vez que toda rede é parte e promotora de disputas políticas – sejam simbólicas ou econômicas ou culturais – é preciso mapear as concepções (epistemológicas e sociotécnicas), as ideias, aquilo pelo que se luta e como os atores sociais se justificam e produzem sentido. Assim, proponho buscar, e compreender, a ontogênese e a sociogênese. Compreender esses aspectos implica assimilar a maneira como Gallo pensava, como compreendia a vida, as influências que recebeu. Significa entender o ser-museu, pois Gallo agia como semióforo do MdM – ele portava o Museu e o Museu o portava.

Diante disso, essa proposta tem como problematização analisar a existência – ou não – de redes, tendo o padre Giovanni Gallo e o MdM como pontos centrais; se existem, como se compunham? Como essas redes foram constituídas, tanto em interação quanto em jogo de divergências com outras redes? Como elas funcionavam e se comportavam? Nesse sentido, importa pesquisar como foi estabelecida – e operava – a rede criada por Gallo enquanto ele era vivo e como ela se articula atualmente. Ora, a atuação do museu como esse espaço privilegiado implica a existência de estruturas de sustentação, tanto conceituais, quanto econômicas e ideológicas. Em outras palavras, a existência de um museu depende da construção de redes que o sustentem.

Nessa direção, qual seja, das redes que se organizaram em oposição às redes de Giovanni Gallo mas que com elas interagem de diversos modos e momentos, importa citar o embate político-ideológico ocorrido entre aquele e um líder político da cidade de Santa Cruz do Arari. Há duas versões para o início do conflito entre os dois. Uma de que o choque teria iniciado porque Gallo, de uma parte, estaria se aproximando de adversários do político em questão, de outra, porque começou a publicar artigos no jornal *O Liberal*⁸, relatando problemas que ocorriam (e ainda ocorrem) no Marajó, e que, ainda segundo esse líder marajoara, não seriam da alçada de Gallo, como o roubo de gado, por exemplo. Na versão de Gallo (1996), o problema teria surgido por conta de recursos financeiros que viriam da Paróquia de St. Anton (Suíça) e que deveriam ser

⁸ Jornal que circula em Belém e maior parte do Pará desde 1946. Integra um dos maiores grupos de comunicação do Brasil e é um dos jornais mais lidos do estado. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Liberal. Acesso em 20. jun. 2012. Após um período publicando no *Liberal*, Gallo passou a publicar seus artigos no jornal *O Diário do Pará*, de propriedade da família de Jáder Barbalho. O livro *Marajó: a ditadura da água* é o resultado da reunião dos artigos publicados nos dois jornais.

investidos em Santa Cruz do Arari para a criação de uma cooperativa de pesca. Segundo Gallo, a cisão ocorreu porque o político estava convicto de que o padre dispunha desses recursos, mas não queria usá-los, conforme havia prometido. Gallo (1996) relata que não recebera o dinheiro, apenas a promessa de que ele chegaria.

Observo que, a princípio, e de acordo com os dados levantados, os conflitos, apresentados aqui parcialmente, demonstram a disputa pelo poder local, cuja estrutura de sustentação estava sendo ameaçada por um padre e por um museu. O rompimento da relação – anteriormente amigável (?) - entre o padre e o político traz à tona a imbricada conexão existente entre museu, rede, poder e disputas no campo sociocultural. O MdM, enquanto espaço de posicionamento político-ideológico (BORGES, 2011), acabou por ser utilizado – pelo político, elemento importante da rede de sociabilidade de Gallo – como arena ideológica, para demonstração de força diante da pequena cidade de Santa Cruz do Arari. A partir da observação dessa contenda foram geradas algumas perguntas que deverão ser respondidas durante a pesquisa: A manutenção do MdM na cidade, poderia colocar em risco a hegemonia de um político? O que significa um museu trabalhar em rede? Redes sociais são parte do mecanismo de poder e de disputa social e nesse sentido, posso observar que ora ocorrem momentos de aproximação, ora de afastamento entre dois indivíduos da rede, Gallo e o político.

Esse projeto pretende, como objetivo geral, analisar o estabelecimento de redes para a criação e manutenção do Museu do Marajó, assim como as relações de poder, as interações e os conflitos que interferem/ influenciam na dinâmica da rede e, por conseguinte, no cotidiano do MdM. Como objetivos específicos, reconstituir, mediante exame documental, a formação e a trajetória histórica, religiosa e sociopolítica de Giovanni Gallo, e como isso se expressa, ou não, na construção do MdM; entender o que significou a instalação de um museu em uma cidade carente (Cachoeira do Arari) da Ilha do Marajó, bem como os impactos que trouxe tanto para a cidade quanto para seus moradores; examinar a criação, manutenção e ampliação das redes de sociabilidade estabelecidas por Giovanni Gallo; analisar as alterações que ocorrem – nos nós da rede – nos momentos de alianças e conflitos – nas cidades de Santa Cruz do Arari e de Cachoeira – bem como suas implicações para o Museu; avaliar a situação atual do Museu do Marajó, considerando o momento pós-redes de sustentabilidade de Giovanni Gallo.

2 JUSTIFICATIVA

A ideia para a elaboração desse projeto de pesquisa nasceu no momento de entrega de minha dissertação de mestrado. Na ocasião, partimos (meu esposo - Paulo de Carvalho - e eu) para Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, para fazer a devolução do trabalho à comunidade e à administração do Museu. Durante a viagem, surgiu a oportunidade de visitar o município vizinho, Santa Cruz do Arari - lugar onde foi criado o Museu do Marajó – pois Paulo foi informado de que o político em questão (responsável, segundo ele mesmo e o próprio Gallo, pela saída deste último da cidade de Santa Cruz do Arari) gostaria de conceder entrevista para contar sua versão dos fatos ocorridos entre ele e Giovanni Gallo e gostaria que Paulo filmasse o depoimento.

Johannes Fabian (2010, p.63) afirma que, muitas vezes, “[...] a pesquisa acontece por puro acidente (ou sorte)” e, em meu caso essa assertiva revelou-se verdadeira, pois foi de forma imprevista e por sorte que pudemos realizar essa entrevista, gravada em vídeo. A realização da entrevista possibilitou o surgimento de alguns questionamentos referentes à importância do

estabelecimento das redes de sociabilidade de Giovanni Gallo – que levaram tanto à constituição do MdM, quanto à manutenção da instituição (contatos com políticos locais e estaduais, fazendeiros, pescadores, comunidade de Santa Cruz do Arari, Cachoeira do Arari, Belém e amigos na Europa); sobre o papel político desse Museu – e de seu criador – e de sua interferência/influência na dinâmica sociopolítica da comunidade de Santa Cruz do Arari, influência essa que parece ter ameaçado uma das lideranças políticas do local e que culminou com a saída do Museu dessa cidade.

Considerando o museu, de acordo com Borges, como “espaço sociopolítico que reflete e refrata as condições e contradições histórico sociais vigentes” (2011, p. 44), um ponto importante a averiguar na pesquisa é se o MdM pode ter sido interpretado – pelo político – como “arena” para disputas e demonstrações de poder? O entendimento do museu, enquanto estrutura estruturante e agente de desenvolvimento, chama a atenção para a discussão em torno da manifestação tanto do poder hegemônico local (representado pela figura do político), quanto do poder simbólico e da função do museu como aparato ideológico no interior do campo social, diante do cenário político que se instalou naquela ocasião e que, por sua dimensão extra-local de certa forma abalava o prestígio político e cultural local.

O conceito de campo social é indispensável para essa proposta de análise, uma vez que tanto o museu como as relações políticas e econômicas nas quais se insere, como, ainda, a existência e funcionamento das diversas redes, transcorre no interior desse campo, que Pierre Bourdieu define como um espaço multidimensional [...] onde os agentes distribuem-se [...] segundo o volume global do capital que possuem e [...] segundo a composição do seu capital” (BOURDIEU, 2010, p. 135). Assim, o museu, enquanto um dos aparatos da sociedade com função educativo formativa e como integrante de uma *paidéia* (que é tanto local, como global), atua, dentro desse campo, como “um ponto em um sistema específico de coordenadas ou referenciais que, neste caso, só pode ser histórico-social e, logo, ideológico” (BORGES, 2011, p.38).

3 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As informações, acima explicitadas, apontam que as redes – que mobilizavam poder e capital social – de sociabilidades criadas/estabelecidas por Gallo tenham sido fundamentais, não só para o desenvolvimento de seu trabalho catequético, mas também para conseguir recursos para construir e manter o MdM; também posso supor de que as redes criadas em Cachoeira do Arari foram basilares para a criação do acervo e manutenção do MdM. Enfim, tanto essas questões, quanto a observação de formação e atritos de redes sociais, objetos dessa pesquisa, demandam a busca por dados, sejam eles teóricos, sejam documentais.

A análise da atuação do Museu do Marajó, como agente de transformações sociais, será desenvolvida à luz das contribuições de Waldisa Guarnieri, museóloga que foi pioneira ao relacionar museus com as estruturas de poder, tanto político quanto econômico (BRUNO, 2010). Guarnieri entendia a necessidade do estabelecimento de museus que fossem comprometidos com mudanças sociais, segundo ela, que entendia o museu como processo, “a organização do museu não pode alienar-se do processo social como um todo” (GUARNIERI, 1977 *apud* BRUNO et all, 2010). As análises sobre o Museu serão complementadas pelos posicionamentos teóricos de Chagas (2006), Moraes (2010) e Borges (2011), para os quais o museu é espaço de

posicionamento político-ideológico, de relações de conflito e de poder. Entendo que analisar o museu sob tal perspectiva significa encontrar subsídios teóricos consistentes para o entendimento do objeto proposto.

Ao estabelecer a conexão entre museu e redes, atento para o fato de que, por meio das redes de sociabilidade, criadas no período em que viveu e trabalhou na Europa, Gallo pôde captar recursos financeiros para a realização de suas atividades pastorais. Além dessas redes, Gallo iniciou outras redes que possibilitaram tanto a formação do acervo do MdM, quanto a manutenção e permanência dessa instituição museológica na cidade de Cachoeira do Arari. As redes são compostas por diversos indivíduos, entretanto alguns desses indivíduos funcionam como elos (nós) de ligação entre uma rede e outras redes, estabelecendo a “sinapse⁹” entre elas. Analiso a participação de Gallo como o nó primário na constituição dessa rede. Acredito que uma abordagem antropológica será mais adequada para a pesquisa que proponho realizar.

De acordo com Barnes (2010) a noção de rede social foi desenvolvida visando a análise e descrição de processos sociais que envolvem conexões que estão para além dos limites dos grupos e das categorias. Ademais, ressalta Barnes, que a noção de rede social é eficaz para a análise de indivíduos que estão envolvidos em relações interpessoais que ultrapassam os limites da vila, da cidade etc., bem como auxilia na identificação dos líderes e dos seguidores em situações nas quais os indivíduos são requeridos a escolher sobre quem procurar para obter ajuda ou liderança (BARNES, 2010). Essas relações das quais fala Barnes nos remetem diretamente às relações interpessoais de Gallo e de seus colaboradores o que reforça, pelo menos aparentemente, que esse é o caminho de análise mais adequado para a análise do objeto proposto.

Os estudos de Bourdieu (2010) serão empregados para alicerçar o entendimento sobre poder simbólico que, segundo este autor, é uma forma transformada, e legitimada, de outras formas de poder. Para Bourdieu, a estrutura social é vista como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais e/ou econômicas como pelas relações simbólicas e/ou culturais entre os indivíduos. Assim, a diferente localização dos grupos na estrutura social deriva da desigual distribuição de recursos e poderes. Por recursos ou poderes, Bourdieu entende mais especificamente o *capital econômico*, o *capital cultural*, o *capital social* e o *capital simbólico*. Dessa maneira, a posição de privilégio ou não-privilégio ocupada por um grupo ou indivíduo é definida de acordo com o *volume* e a *composição* de um ou mais *capitais* adquiridos e ou incorporados ao longo de suas trajetórias sociais.

O conceito memória será trabalhado a partir de Michael Pollak e Paul Ricoeur. Para o primeiro, a memória “é a operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (POLLAK, 1989, p. 9). Então, como a sociedade está em constante mobilidade, rupturas e tessituras, a memória também é dinâmica e contraditória. Para Ricoeur (2007), a memória permanece, em última instância, a única guardiã de algo que “efetivamente ocorreu no tempo”. Todavia, a memória não está de todo isenta de ser afetada por obstáculos e abusos (“abusos da memória”). Ricoeur identifica uma “memória impedida”, que deve ser de grande interesse para o trabalho psicanalítico; uma “memória manipulada” e uma “memória comandada”, ambas decorrentes das formações e distorções políticas e ideológicas da memória. A primeira, a “memória manipulada”, surge dos esforços pela promoção de uma identidade construída sobre crenças e recusas, da visão do “outro” como fonte da infelicidade ou do perigo.

⁹ Sinapse “é o local de contato entre neurônios, onde ocorre a transmissão de impulsos nervosos de uma célula para outra” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2576).

Já a “memória comandada” se torna manifesta toda vez que alguém é submetido a um processo de direcionamento da sua consciência, o que por sua vez também pode ser explicado por razões políticas ou ideológicas. Segundo Ricoeur, “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (2007, p. 40). A memória pode ser encarada não somente como um processo de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, como um recurso de (re)significação das coisas e de si mesmo.

Como forma de abordagem, este projeto propõe-se a utilizar como base metodológica o método etnográfico, com a utilização da “etnografia multi-situada” proposta por George Marcus (1995). Tal modalidade define seu “objeto de estudo através de diversos modos ou técnicas, que podem ser entendidas como práticas de construção que emergem de um movimento de rastreamento em diferentes contextos de um determinado fenômeno cultural, e fornece uma base conceitual que acaba por se tornar contingente e maleável conforme vai sendo traçada (MARCUS, 1995, p. 106).

Segundo Marcus (1995) o pesquisador deve seguir as cadeias, trajetórias e fios que fazem parte de um fenômeno específico e fazer conjunções ou justaposições de situações e estabelecer uma conexão ou associação entre elas. Isso não significa que todos os locais a serem pesquisados precisem ser tratados com o mesmo conjunto de práticas de trabalho de campo, serem investigados na mesma intensidade, pois a etnografia multi-situada é inevitavelmente o produto de bases de conhecimento de várias intensidades e qualidades (*idem*, p.100). A realização da etnografia multi-situada não se restringe, assim, apenas à prática de campo; engloba também o fazer, a forma de relatar o que se ouviu. O “seguir as linhas” refere-se ao trabalho do pesquisador, no momento de analisar os dados.

Em vista da natureza do objeto e dessa proposta, adotarei a abordagem de tipo qualitativa. De acordo com Denzin; Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é uma atividade que localiza o observador no mundo. Trata-se de práticas materiais e interpretativas que transformam o mundo em uma série de representações nas quais se inclui o caderno de campo, entrevistas, fotografias, gravações de áudio e vídeo.

Como procedimentos técnicos serão utilizados levantamento documental, entrevistas e análises das conversações. Essa pesquisa será desenvolvida no Brasil (nas cidades de Belém, Santa Cruz do Arari e Cachoeira do Arari) e na Itália (em Turim e na Sardenha). Como técnica de amostra não probabilística utilizarei a Snowball ou Snowball Sampling (“Bola de Neve”), utilizada em pesquisas onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa.

Como instrumentos de coletas de dados serão utilizados os recursos de mídias visuais como fontes de dados, além de gravações de áudio. No que se refere ao uso dos equipamentos, serão utilizados quando não inibirem os informantes e não comprometerem o processo de coleta de dados. É importante ressaltar que, antes de realizar as entrevistas, serão coletados Termos de Consentimento Livre e Esclarecido dos entrevistados. A etapa final da pesquisa consiste em procurar as coerências e incoerências entre o conjunto dos dados coletados, percebendo como as informações obtidas nos documentos, as fotografias, as anotações e os registros sonoros se interconectam para, gradualmente, fornecer as respostas para as questões que nortearam a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARNES, J. A. Redes sociais e processos políticos. In FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.171-204.
- BORGES, Luiz Carlos. Museu como espaço de interpretação e de disciplinarização de sentidos. In **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS** Unirio / MAST, vol. 4, nº 1, 2011, p. 37-62. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso em 05. jan. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2010.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FONSECA, Andréa Matos da; NEVES, Kátia Regina Felipini. Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos. In BRUNO, Maria Cristina Oliveira et al. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado/ Secretaria de Estado da Cultura/ Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 159-181
- CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.
- DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FABIAN, Johannes. Colecionando pensamentos: sobre os atos de colecionar. **Iana** vol.16 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2010, p.59-73. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132010000100003&script=sci_arttext Acesso em 10 abr. 2012.
- GALLO, Giovanni. **O homem que implodiu**. Belém: SECULT, 1996.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007. (Coleção Museu, Memória e Cidadania)
- GUARNIERI, Waldisa Rússio. A interdisciplinaridade em museologia. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – textos e contextos de uma trajetória profissional**. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 123–126.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- MARCUS, George E. Ethnography in/ of the World System: the emergence of multi-sited

ethnograph. In **Annual Review os Antropology**. Vol. 24, 1995, p.95-117. Disponível em: <http://www.dourish.com/classes/readings/Marcus-MultiSitedEthnography-ARA.pdf>
Acesso em 20. Mar.2015

MORAES, Nílson Alves de. Museus e poder: enfrentamentos e incômodos de um pensar e fazer. In GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus (Org.). **O Caráter Político dos Museus**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, 2010. MAST Colloquia 12, p. 7-25.

OLIVEIRA, Karla C. D. de; BORGES, Luiz Carlos. O computador caipira, o fato museológico e a identidade marajoara In **Anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013, p. 1-14. Disponível em <http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/136/218>

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In **Estudos Históricos**. Rio de janeiro, vol. 2, n. 3, 1989: p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTIAGO. **Declaração de Santiago**. 1972, não paginado. Disponível em: http://www.museologiaportugal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=3:declaracao-de-santiago-1972&catid=3:declaracao-de-santiago-do-chile-1072&Itemid=3.
Acesso em: 12 jan. 2012.

SCHAAN, Denise Pahl. A arte da cerâmica marajoara: encontros entre o passado e o presente. **Habitus**, vol 5, nº 1, jan – jun. Goiânia 2007, p. 99-117. Disponível em <http://seer.ucg.br/index.php/habitus/article/view/380/316> Acesso em 20. Ago. 2009